



AFLUENTE: REVISTA DE
LETRAS E LINGUÍSTICA

ISSN 2525-3441

João Caetano Linhares

Universidade Federal do Maranhão/CEE.L

orcid.org/0000-0002-0511-4846

joao.caetano@ufma.br

O primeiro romantismo alemão e a literatura como filosofia edificante

RESUMO: O artigo busca apontar para uma dupla relação: em primeiro lugar para uma relação sempre possível entre literatura e filosofia; em segundo lugar, para a relação entre os autores do primeiro romantismo alemão e a ideia de Richard Rorty de uma filosofia edificante. Entendemos que possa ser de algum interesse a discussão acerca do estilo que comportaria projetos filosóficos, por isso, a nossa abordagem busca mostrar como alguns autores conseguiram realizar fortes críticas a noção moderna de racionalidade tendo a literatura como ferramenta para tal.

Palavras-chave: Romantismo; Filosofia; Literatura; Rorty.



O Primeiro Romantismo Alemão

O período ao qual nos referiremos neste trabalho é aquele que se convencionou chamar de primeiro Romantismo Alemão. Este movimento deixou sua marca ao se contrapor fortemente ao idealismo, tendência caracterizada por sua ênfase no aspecto “racionalizador” típico da modernidade. Neste sentido, podemos afirmar que o romantismo pretendia não apenas se destacar por seus aspectos literários, mas que tais aspectos devem ser considerados como o fio condutor para teses antropológicas, filosóficas e históricas.

Filosoficamente, o traço mais importante do primeiro romantismo alemão é a sua crítica a toda cultura moderna e seu modelo de racionalidade que inclui também a racionalidade prática, ou seja, a moralidade tipicamente moderna, ou, pelo menos, os seus padrões justificatórios de tal moralidade.

Temos um ponto de partida óbvio que tomamos como pressuposto: o romantismo alemão é filosofia e os pensadores românticos são filósofos. Dado este pressuposto, cabe a nós a pergunta: que tipo de filosofia? A professora e pesquisadora Millán-Zeibert tem se debruçado sobre os fundamentos filosóficos do *Frühromantik*, no entanto, a nossa pergunta é sobre as consequências filosóficas do primeiro romantismo. O primeiro desafio, neste sentido, é, segundo Millán-Zeibert e Manfred Frank, evidenciar os pensadores românticos como filósofos, pois estes são vistos predominantemente como figuras literárias. Tal visão se deve a natureza de suas contribuições para a poesia, mas teve o resultado indesejado de visibilizar apenas o aspecto estético dos trabalhos dos autores pertencentes ao movimento.¹

Quando pensamos nos autores românticos o que nos vem à mente, de modo mais comum, é a figura do poeta apaixonado (principalmente para nós brasileiros que vivenciamos um romantismo pouco filosófico e muito mais voltado para os excessos estéticos da criação individual). Ainda é estranho para nós considerarmos os românticos como pensadores que ajudaram a promover algum tipo de cultura mais ampla, que ajudaram a promover algum tipo de novidade moral em nossa sociedade ocidental.

De fato, ora os românticos são vistos como figuras sociais progressistas ora como vilões (na interpretação de



Lukacs, como promotores de uma espécie de proto-fascismo, no caso do romantismo alemão). Para mostrar que eles não eram vilões, é necessário que eu esclareça o que estou chamando de primeiro romantismo alemão. Minha descrição seguirá, como já aponte, as reflexões da professora Millán-Zeibert assim como do professor Manfred Frank. Como Millán-Zeibert bem observa, obviamente só pode contar como participantes do "romantismo alemão" aqueles autores que estavam sob a esfera de influência da língua alemã. Um segundo ponto é a cronologia do que chamamos de "primeiro" (früh, early). "O primeiro romantismo alemão está centrado alternadamente entre Jena e Berlin entre os anos de 1794 e 1808" (MILLÁN-ZEIBERT in FRANK, 2004, p. 2). Um terceiro ponto a ser enfatizado é aquele que diz respeito a quem são os pensadores que formam este movimento, são eles: August Wilhelm Schlegel e seu irmão Friedrich, Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher, Friedrich von Hardenberg (Novalis), Ludwig e Sophia Tieck, Dorothea Schlegel e Caroline Schlegel Schelling.

Para os nossos propósitos aqui – ou seja, demonstrar como a literatura pode não apenas ensejar questões filosóficas, mas ser ela mesma entendida como filosofia – nos deteremos apenas em Schlegel e Novalis. De Schlegel nos interessa os fragmentos sobre poesia e literatura e de Novalis aqueles textos que foram reunidos sob o título de *Philosophical Writings*, traduzidos para o inglês e organizados por Margaret Stoljar em 1997.

O romantismoⁱⁱ tem atraído cada vez mais atenção recentemente como um movimento filosófico que se contrapunha ao racionalismo matematizado do idealismo alemão. Desde já, fica clara a ênfase que o romantismo chamará de "forças irracionais da vida humana". Schlegel, no seu famoso "journal" *Athenäum*, chamava a atenção para a necessidade de uma nova relação da filosofia com a literatura. Essa relação é um dos aspectos marcantes do romantismo como movimento filosófico. Pois subverte o ordenamento que privilegiava a estrutura lógica dos textos que caracterizavam os idealistas alemães, de modo particular, e a filosofia moderna, de modo geral.

O que alguém pode alegar é que se considerarmos o romantismo como um movimento filosófico, corremos o risco



de perder de vista, ou reduzir, o valor literário que esses autores têm. A este tipo de observação consideramos ajustada a resposta que Millán-Zeibert dá:

[...] analisar as robustas dimensões filosóficas do primeiro romantismo alemão seriamente de modo nenhum implica que não houve uma dimensão literária vibrante do movimento. O primeiro romantismo alemão produziu muita literatura de valor e uma boa parte de suas atividades estava comprometida com o questionar do papel da arte não somente para a pesquisa filosófica, mas também para a sociedade como um todo. (MILLÁN-ZEIBERT, 2007, p. 5)

A chave hermenêutica aqui consiste em não separar essas duas dimensões. A literatura é o veículo que conduz as ideias filosóficas dos românticos. A relação entre filosofia e poesia é central para o projeto romântico, pelo menos para os autores do primeiro romantismo alemão. Superar o estilo enciclopédico da modernidade e considerar a filosofia do ponto de vista da poesia e da literatura em geral é uma das tarefas que o romantismo expressa como sua característica tanto filosófica quanto literária. A visão de mundo que o romantismo, enquanto movimento, deseja defender é subversiva, tem como alvo a modernidade como um todo. Ou seja, não apenas as instituições sociais são desafiadas pelo romantismo, mas os conceitos de arte, verdade, bom, belo e o próprio modelo de racionalidade.ⁱⁱⁱ

Neste sentido, as formas literárias nos aproximam da verdade. “Schlegel considerou romances, poemas e outras formas literárias como fontes férteis para examinar a estrutura do conhecimento, e em particular, examinar como os seres humanos justificam suas crenças” (MILLÁN-ZEIBERT, 2007, p. 9). Desse modo, seria um erro ler Schlegel ou qualquer outro dos primeiros românticos como interessados apenas nos aspectos literários e deixar de lado todos os aspectos e intenções filosóficas. Ou seja, a literatura para eles é instrumento filosófico e a filosofia é instrumento da literatura.

Retornamos, assim, a questão da sistematicidade. Há um sistema no romantismo? Se considerarmos um sistema aquele conjunto bem ordenado de crenças que se sustenta umas nas outras, então teremos no romantismo um sistema. No entanto, teremos um sistema diferente daqueles sistemas dos seus adversários filosóficos, os idealistas. Os sistemas idealistas se mostram como fim em si mesmos, ou seja, como estruturas completas. Neste aspecto, o sistema (conjunto

de crenças) dos românticos é completamente diferente. Primeiro porque admite uma multiplicidade de perspectivas. Segundo, é um sistema aberto, admite revisões e readequações. Mas nem por isso podemos pensar que o romantismo abre mão do conceito de objetividade ou de verdade.



É possível que a afirmação de que os românticos, principalmente Schlegel e Novalis, defendam um certo grau de objetividade para suas filosofias resulte um tanto contrário a concepção filosófica que temos do romantismo nos nossos dias. Considerar o romantismo como subjetivista e artificial em contraste com as versões objetivistas e sistemáticas da filosofia se tornou quase um lugar comum. No entanto, no fragmento 7 do *Liceum* e no 116 do *Athenäum*^{iv}, fica evidente que Schlegel como expoente das pretensões românticas, mostra as intenções objetivistas e universalistas do movimento. Mesmo reconhecendo a pluralidade de perspectivas possíveis acerca de vários temas, o romantismo em geral ainda perseguia uma certeza absoluta mesmo que fosse um dos pressupostos epistemológicos do movimento a concepção de que toda certeza é provisória.

46

Esta última asserção pode levar à falsa impressão de que os românticos cairiam em algum tipo de ceticismo. Mas a consideração mais adequada que vemos aqui é que é mais adequado compreender o romantismo como uma versão coerentista da verdade, pois o que eles apresentam é uma pretensão de formular um sistema coerente.

A interpretação do romantismo como um tipo de filosofia que rejeita qualquer objetividade no conhecimento (como um tipo de ceticismo) está baseada na rejeição que este movimento tem de qualquer "fundamento absoluto". Dessa forma, o romantismo se mostra como uma teoria anti-fundacionista, ou seja, uma teoria que tem como ponto de partida a rejeição da ideia dos princípios primeiros. Para os românticos e, em especial para Schlegel, não é necessário assegurar princípios primeiros a partir dos quais a filosofia poderia ter seu início.

Daí, ele [Schlegel] rejeita qualquer coisa como o primeiro princípio único e absoluto fichteano para toda a filosofia e a linha de dedução governando tal sistema, abraçando, ao invés disso, um *Wechselerweis*, que, como se tornará claro depois, é o termo de Schlegel para justificação holística. (MILLÁN-ZEIBERT, 2007, p. 19)



"*Wechselerweis*" é um termo composto por duas palavras alemãs "*Wechsel*" e "*Erweis*", "mudança" e "prova". O sentido que Millán-Zeibert dá é que a intenção de Schlegel é alcançar o sentido de que algo se prova no processo de mudança e alternância, algo é confirmado no processo de investigação e os critérios estão abertos a revisão, a mudança. "*Wechselerweis* é a alternativa de Schlegel para as estruturas dedutivas-silogísticas das 'provas'" (MILLÁN-ZEIBERT, 2007, p, 19).

Outro aspecto que devemos salientar aqui é o profundo historicismo que há na filosofia de Schlegel. Esse historicismo fez com que todo o movimento romântico endossasse, baseado na mudança, um método que podemos chamar de "genético". A crítica romântica do idealismo tem como alvo, justamente, as concepções a-históricas e estéticas dos autores idealistas. Para realizar seu projeto subversivo, os românticos tiveram que mudar, não apenas o conteúdo, mas a forma. Tem aí lugar o papel do conceito de ironia entendido como jogo entre filosofia e literatura, entre autor e leitor, entre companheiros de conversa.

47

A Ironia em Schlegel

O subjetivismo moderno evidencia-se na "revolução" kantiana, ou seja, é na *transcendentalphilosophie* que o espírito moderno se vê mais à vontade. O principal pressuposto do transcendentalismo kantiano é sua consideração dos aspectos distintivos do conhecimento humano. "Transcendental" é tudo aquilo que, da parte do sujeito, constitui o conhecimento. Só podemos conhecer, neste sentido, aquilo que nós mesmos seres humanos racionais "pomos" no mundo.

Como já dito acima, é a esse projeto transcendental/moderno que o romantismo deseja fazer contraposição, por isso, a ironia como elemento profundamente historicista foi o instrumento escolhido. A questão é que a ironia aproxima os românticos de posturas céticas. Desse modo, o ironismo ao considerar a filosofia como infinita e todo conhecimento como simbólico termina por relativizar a própria noção de conhecimento e, conseqüentemente, a noção de verdade. E é neste ponto

que se torna necessário uma maior atenção para a filosofia de Schlegel, pois de acordo com Millán-Zeibert:

A visão de Schlegel da verdade não é anti-realista: é mais como uma teoria coerentista da verdade do que uma teoria da correspondência da verdade. A aceitação de Schlegel da incerteza não conta para um abandono de uma realidade objetiva compartilhada em contraste com a qual podemos medir nossas reivindicações (MILLÁN-ZEIBERT, 2007, p. 49).



A ênfase é na filosofia como busca da verdade, mas a verdade absoluta talvez nunca seja encontrada, mas há graus e graus. A revolta é contra a "revolução copernicana" de Kant e seus resultados. A luta do ironismo romântico é dupla: primeiro contra a noção de "primeiro princípio". Como Millán-Zeibert (2007) nos lembra, no fragmento 84 do *Athenäum*, Schlegel afirma: "a filosofia, como poesia épica, começa no meio". O segundo aspecto é o estilo não lógico-silogístico que é propiciado pela literatura/poesia. A função da poesia é desvendar o mundo, é nesta potencialidade que Schlegel está interessado. Mais do que a frieza da razão-matemática, interessa aos românticos a capacidade da poesia produzir sentimentos. Contra as longas introduções científicas, aforismos poéticos. Contra a dialética do espírito, uma canção. Schlegel mostra que "os filósofos não necessitam temer a poesia". A poesia não nos oferece uma ameaça à verdade ou à realidade, mas sim modos de penetrar no coração de ambos.

Javier Cercas, numa recente entrevista, ao ser questionado para que serve a literatura, afirmou: "A literatura serve para o que serviu sempre: para criar gente livre". Nesta afirmação consta algo que já existia no projeto romântico: a noção de Bildung, Formação. A intenção, neste sentido, é mostrar que a filosofia, como entendida pelos românticos, não se limitará a mera descrição do que é o ser humano, mas atuará na própria formação deste. A preocupação de Schlegel com a mitologia segue neste rumo, na tentativa de formular padrões que possam unificar uma sociedade ao mesmo tempo que deixa em aberto a reformulações estes mesmos padrões.

Com a literatura vamos além da descoberta de padrões compartilhados, nós percebemos que criamos tais padrões. Schlegel nos ajuda a perceber, através de sua defesa do mito e da mitologia



(independentemente dos usos que estes *insights* tiveram para o nazismo) que na busca de qualquer sociedade minimamente organizada encontramos os mitos fundadores. Qualquer tribo ou organização social é unida por crenças e objetivos compartilhados por seus membros. Por isso, a ênfase de Schlegel

no historicismo que é ao mesmo tempo ênfase na contingência destas crenças. Só a literatura comporta o ironismo entendido como autocriação de valores. No já citado fragmento 116 do *Athenäum*, Schlegel aponta as pretensões sistemáticas do idealismo alemão como um velho programa, que deve ser substituído por um novo programa. Novamente Millán-Zeibert:

O programa anunciado no texto é para uma nova mitologia, uma que unificará a sociedade ao apresentar um conjunto de símbolos que comunicarão a todos os membros da sociedade e ajudarão a criar um novo centro a desenvolver coesão social, um sentido de unidade. (MILLÁN-ZEIBERT, 2007, p. 163)

A palavra-chave do ironismo é "criar". A força estética que é capaz de transmitir através da literatura é a própria força da filosofia romântica. Alguns autores anteriores aos românticos já apontam para esta força: Cervantes, Gil Vicente e Shakespeare são alguns deles, usaram a literatura tanto como instrumento de crítica aos valores vigentes quanto como instrumento de criação de novos valores. O elemento que constrói a coesão social é o elemento estético. Podemos ver que é a partir da arte que podemos trazer a sociedade para um todo coerente. Como diz Schlegel: "o filósofo deve ter tanto poder estético quanto o poeta".

Este tipo de leitura difere da leitura de Rorty, por exemplo. O ironismo não tem apenas pretensões de autoconstrução privada, mas pretende também ser crítica do estado e contribuir para o estabelecimento de uma nova mitologia que, por sua vez, seja capaz de estabelecer um novo sentido de harmonia e coesão social. A aspiração de objetividade se torna totalmente evidente no ensaio produzido para o volume final do *Das Athenäum*. Naquele texto "*Über die Unverständing*" a questão dos limites da compreensão é posta em jogo. A má-compreensão (mal-entendido) terá papel fundamental na hermenêutica de Schleiermacher, o mal-entendido é uma possibilidade de todo diálogo, de toda conversação.

A síntese entre autor e leitor, a famosa comunhão de almas de Schleiermacher, se mostra temporalmente



limitada. A compreensão (*Verstehen*) não é universal, nem todos compreendem do mesmo modo. Da incompreensão percebida por Schlegel, podemos ver dois resultados distintos: um na hermenêutica gadameriana, em seus elementos herdados de Schleiermacher, na sua abordagem dos aspectos linguísticos e historicistas. Outro resultado é aquele de Rorty que toma o ironismo numa versão mais privada. Ambos mostram a dificuldade da compreensão de se dar "sempre sem problemas".

Como Schlegel estava bem consciente de uma grande parte da incompreensibilidade do *Athenäum* ser, de modo inquestionável, devido a *ironia* que, em maior ou menor extensão, deve ser encontrada em todo lugar nela (MILLÁN-ZEIBERT, 2007, p. 167).

Uma vez Deleuze, ao comentar sobre os aforismos de Nietzsche, disse que os aforismos são energia pura. Nos seus aspectos filosóficos, a ironia romântica também é energia pura. Isso não significa que os autores ironistas abram mão de transmitir algo verdadeiro. Neste sentido, a ironia é uma ferramenta hermenêutica muito importante.

Como ferramenta hermenêutica a ironia serve muito bem à sua tarefa filosófica de mostrar que a compreensão é um processo que nunca tem fim. Demonstrar que aquela exigência programática da filosofia idealista de apresentar o absoluto, ou seja, de alcançar e mostrar em sua transparência a completude do movimento de autoconsciência do espírito, não correspondia a natureza de como as coisas são.

Nada é completo e a ironia é a ferramenta usada para fazer a inerente incompletude da experiência humana aparente [...] A ironia romântica não zomba do mundo; não é atitude depreciativa para o mundo; antes, é a última mostra de humanidade; é usada para mostrar quão pouco todos os humanos sabem. A ironia romântica é parte da visão geral romântica da realidade como essencialmente incompleta, como uma aproximação para o distante e inalcançável objetivo do infinito. (MILLÁN-ZEIBERT, 2007, p. 168)

O romantismo contribuiu muito para percebermos como é possível um sistema aberto, ou seja, um sistema que é consciente de sua incompletude, de suas possibilidades de errar o caminho. Mas, acima de tudo, o romantismo de Schlegel nos mostrou que o sistema mais adequado é aquele que for capaz de se reinventar criativamente, de corrigir seus rumos ao criar, e não apenas reconhecer novos conceitos e crenças. Não significa, de modo nenhum, que o romantismo abra mão



da objetividade, mas que a verdade não está confinada nas rígidas paredes da lógica-silogística-matemática. A arte também é vetor de verdade.

Novalis e a literatura como projeto filosóficos

Outro pensador importante para o romantismo alemão é Friedrich Von Hardenberg (Novalis) que fez do ironismo o seu método de trabalho filosófico e da literatura o seu estilo. Do mesmo modo que Schlegel, Novalis também fez da união da filosofia com a literatura o seu projeto filosófico. Destacam-se do filósofo as obras "hinos à noite", um conjunto de poemas em verso e prosa, e o seu romance ("A flor Azul" na versão brasileira) "*Heinrich von Ofterdingen*", que é a fonte daquilo que podemos dizer que foi o modelo que os românticos tomariam da *Blau Blumen* (flor azul) que consistia na busca pelo absoluto. De antemão, devemos afirmar que apesar de haver uma busca pelo absoluto (incondicionado) em Novalis, tal busca permanece como uma tarefa infinita.

51

"*Wir suchen überall das Unbedingte, und finden immer Dinge*" (Novalis frag. 1). Nos *Fragmenten und Studien*, ou no inglês *Miscellaneous Observations*, ou ainda na versão brasileira que segue a indicação de Novalis: "Pólen". Pólen reproduz a intenção do romantismo na versão de Novalis de lançar sementes para uma nova era. O primeiro fragmento já desvela o ironismo do romantismo de Novalis: "Procuramos por toda parte o incondicionado [o incausado, ou seja, o absoluto] e sempre encontramos coisas". A busca, a investigação filosófica, que tinha a ambição de encontrar o absoluto por meios racionais é posta em xeque por Novalis. Desde o início a investigação marcada pelo ironismo sabe da impossibilidade de abarcar ou de expressar o absoluto de modo definitivo.

Margaret Stoljar, em sua excelente introdução a coletânea "Novalis: *philosophical writings*", chama nossa atenção para o "*ordo inversus*" no qual a nossa percepção intuitiva vem antes e é mais importante que o cálculo de uma razão fria. O que ganha relevância é a capacidade imaginativa.

Die Bezeichnung durch Töne und Striche ist eine bewundernswürdige Abstraktion. Vier Buchstaben bezeichnen mir Gott – einige Striche eine Million Dinge. Wie leicht wird hier die Handhabung des

Universi! Wie anschaulich die Dynamik des Geisterreichs!
Ein Kommandowort bewegt Armeen – das Wort Freiheit
– Nationen. (NOVALIS, frag. 2).^{vi}



O papel central do símbolo, da linguagem, nas nossas relações com o mundo é destacado por Novalis como parte da constituição do próprio mundo espiritual (*Geisterwelt*), o mundo da cultura. Neste sentido, o mundo é criação imaginativa, há mágica na verdade, por isso o papel da arte em desvelar essa verdade.

Novalis continua no aforismo/fragmento 3: "*Der Weltstaat ist der Körper, den die schöne Welt, die gesellige Welt – beseelt. Er ist ihr notwendiges Organ*"^{vii}. A beleza (*die Schöne*) é o instrumento da sociabilidade, ou seja, é a arte (compreendida como instrumento da imaginação) que forma o mundo, novamente enfatizo que o mundo aqui é o mundo do espírito, o mundo da cultura. Vemos, mais uma vez, o papel da Formação Humana (*Bildung*) sempre perseguida pelo romantismo. Esta característica se torna mais evidente no aforismo 4 quando Novalis diz:

Lehrjahre sind für den poetischen – akademische Jahre für den philosophischen Jünger.

Akademie sollte ein durchaus philosophisches Institut sein – Nur Eine Fakultät – die ganze Einrichtung zur Erregung und zweckmäßig Übung der Denkkraft – organisiert

Lehrjahre im vorzüglichen Sinn die Lehrjahre der Kunst zu leben. Durch planmäßig geordnete Versuche lernt man ihre Grundsätze kennen und erhält die Fertigkeit nach ihnen beliebig zu verfahren. (NOVALIS, frag. 4)^{viii}

Há um plano para as experiências, há um projeto para se efetivar a nova compreensão da *Bildung* que o romantismo traz consigo. Assim como acontece com Schlegel, Novalis combina o filósofo com o poeta, a literatura com a filosofia. Desse modo, discordaremos de Stoljar quando ela separa os aspectos filosóficos dos literários. Como compreendemos o ironismo como um método distintivo do romantismo, pelo menos do que consideramos primeiro romantismo alemão, não há separação entre o que é literatura e o que é filosofia, não há uma parte literária e outra filosófica. A literatura é o modo de expressão filosófica.

Em sua "ordo inversus", Novalis privilegia a intuição imaginativa e o conhecimento deve ser articulado poeticamente, isto significa que nunca devemos perder de vista os aspectos inventivos/criativos do conhecimento. O conhecimento, deste



modo, não se reduz ao mensurar o mundo, mas assume a própria invenção e criação deste. "Novalis adapta a teoria do romance de Friedrich Schlegel como uma forma progressiva e universal para a era moderna em sua própria terminologia. O romance, paradigma da poesia natural, é livre para florescer como filosofia"

(Stoljar, 1997, p. 11)

A arte – e aqui podemos expandir para outras manifestações além da literatura – é portadora de uma verdade. Uma noção comum da verdade que difere da verdade das ciências da natureza. Há uma objetividade que se manifesta que só pode ser compreendida em sua própria dignidade. Esta verdade que o romantismo com seu ironismo característico distinguiu tão bem terminou por influenciar pensadores do século XX, principalmente Gadamer e Rorty, ambos buscaram compreender a dignidade das ciências humanas para além do modelo de racionalidade e influência das ciências da natureza. Há uma verdade que não é a-temporal nem universal. Isto Novalis nos mostra quando diz que "*Der Geist führt einen ewigen Selbstbeweis*". No âmbito da cultura o progresso e a mudança são constantes. A cultura alimenta a cultura, por isso ela nunca é captada em sua totalidade, mas apenas em suas manifestações temporais.

53

"Em sua exploração do que é o ser humano, Novalis se refere a um mais alto campo do espírito, a uma verdade mágica". O que entendemos por verdade mágica é aquela verdade que não é somente descoberta, mas em seus aspectos centrais, coletivamente criada. Dessa forma, entendemos o papel da literatura na criação dessa verdade, assim como o seu papel na *Bildung*, na própria formação do ser humano que se autocompreende por meio dela. Já é bastante conhecido a "definição" que Novalis dá do que é o ser humano: "Um perfeito eco do espírito", ou seja, somos sempre enquanto seres humanos e não meros seres biológicos, uma manifestação do universal, do absoluto.

Esse modo de compreensão de Novalis exige uma forma simbólica e, como Stoljar bem nota, pré-linguística de narrativa que ele só poderia encontrar no sonho, no mito. É aí que tem lugar o seu romance *Heinrich von Ofterdingen*, "ao explorar o aspecto cognitivo das formas poético-simbólicas, Novalis começa a abordar uma teoria

da representação que é central para sua concepção da verdade poética” (Stoljar, 1997, p. 12). O sonho é o momento no qual Heinrich experimenta o absoluto, a verdade.



Em Heinrich de *Offerdingen*, Novalis apresenta a ideia da “flor azul” como uma experiência universal. Evidencia-se, então, que podemos ter acesso ao absoluto, segundo os românticos, por meio da imaginação. A experiência do absoluto pode ser compartilhada como acontece na conversa que Heinrich tem com seu pai, podemos comunicar a nossa experiência. Neste sentido, o romantismo leva a condicionalidade formal do idealismo à uma universalidade contingencial da experiência do absoluto.

Nos trabalhos de Novalis podemos perceber como três aspectos do romantismo se apresentam articulados: a preocupação com a *Natur* (natureza), com o Tempo e com a Poesia. Diferentemente da concepção moderna de natureza que é apresentada sem vida, mecânica, algo que deve ser autopsiado, a natureza na concepção romântica é viva, orgânica, dinâmica. O aspecto da abertura para o mundo vai influenciar os filósofos que, junto com Rorty, podemos chamar de edificantes (formadores de valores). No fragmento acima referido, percebemos que ao procurar o incondicionado (*Unbedingte*) só nos deparamos com coisas (Dinge). O aspecto contingencial do mundo aparece de modo claro no entendimento do romantismo.

O que Hegel via como um problema na consciência romântica se mostra como a sua característica distintiva, a saber, a importância da imaginação. A imaginação ganha estatuto de modo privilegiado de acesso ao absoluto. Por isso, a natureza no romantismo está ligada a uma convicção, também romântica, de tempo e poesia. Nós, devido a influência da tradição moderna, concebemos o tempo como tempo físico, os filósofos românticos já nos advertiam para a conformação psicológica do tempo. De fato, o acesso a “flor azul” se dá num tempo não físico, por isso só podemos comunicá-lo pela arte. Em *Heinrich von Offerdingen*, Novalis nos dá o exemplo paradigmático do papel desempenhado pela poesia na experiência do tempo. Lá, Novalis busca evidenciar a importância do sonho,



da imaginação para a reflexão desperta. Assim que Heinrich adormece ele começa a sonhar.

Começa a sonhar que se perdia em vastas lonjuras e em regiões silvestres e ignoradas. Caminhava sobre os mares com inconcebível ligeireza; via animais maravilhosos; encontrava-se entre pessoas diferentes, aqui na guerra, em selvagem desordem, ali em cabanas pacíficas. Foi feito prisioneiro e sofreu as mais agonizantes privações. Todas as suas sensações alcançaram uma elevação até então ignorada para ele. (NOVALIS, p. 88)

O sonho/imaginação eleva as sensações. Pouco antes de cair no sono, Heinrich falava da sensação que tinha de que todas as coisas queriam falar com ele e que se soubesse todas as palavras compreenderia tudo melhor. Mas é no momento não racional, não linguístico propriamente dito, que tudo se mostra. Que súbito tudo lhe vem. O tempo é outro e o mundo/natureza aparece como um inteiro. Neste sentido, o tempo é autorrevelação do absoluto que só se comunica pela poesia. Um ponto importante é que não podemos neutralizar o tempo.

Seguindo no texto, vemos a conversa de Henrique com seu pai. O pai é alguém já demasiado civilizado, demasiado moderno, alguém sistemático e por isso contrário ao sonho/imaginação, que se esqueceu que o sistema também é imaginação. Diz Henrique:

Mas, querido pai, porque razão és tão contrário aos sonhos, cujas estranhas transformações, com sua leve e frágil natureza, despertam forçosamente nossa reflexão? [...] Considero o sonho como uma arma contra a regularidade e o hábito da vida, uma convalescência livre da reprimida fantasia, onde se embaralham todas as imagens da existência, interrompendo a seriedade do adulto com uma alegre jocosidade infantil. Sem os sonhos, envelheceríamos antes. (NOVALIS, 1982, p. 90)

A imaginação que na modernidade havia sido relegada a um segundo plano, tem a primazia no projeto romântico. Sem a imaginação poética não podemos suportar a vida. Imaginação poética entendida aqui como ato criador. Podemos perceber a subversão romântica, não é a razão que tem primazia sobre a imaginação, mas a própria razão é imaginativa.

RORTY E A LITERATURA COMO FILOSOFIA EDIFICANTE

O filósofo americano Richard Rorty classifica os filósofos em dois tipos: os sistemáticos e os edificantes. Os



sistemáticos são do tipo que desejam oferecer argumentos racionais e serem construtivos, em algum sentido. Já os edificantes recorrem quase sempre a poesia, a sátira, aforismos e, mais importante para nós, a literatura. Os filósofos sistemáticos constroem para a eternidade. Já os edificantes são periféricos, estão mais preocupados com sua própria geração, procuram manter-se no aberto para a admiração que os poetas podem, por vezes, causar.

Rorty afirma que a atitude edificante define-se pelo propósito de ajudar os indivíduos a se libertarem daquilo que ele chama de vocabulários gastos e verdades feitas, no entanto, sem pôr nada, objetivamente, no lugar de tais certezas descartadas.

Uma maneira de ver a filosofia edificante como o amor pela sabedoria é vê-la como a tentativa de impedir que a conversação degenere em inquérito, em programa de investigação. Os filósofos edificantes podem nunca terminar a filosofia, mas podem ajudar a impedir que ela atinja o caminho seguro de uma ciência. (RORTY, 1988, p. 288)

Uma distinção que podemos fazer é que o filósofo sistemático constrói diálogos, e os edificantes, conversas. Há um caráter de abertura no modo edificante de fazer filosofia. Diferente do diálogo que exige alguém que pergunta e alguém que responde, ou seja, é inquérito, a conversa cai no aberto, é por vezes interrompida, outras vezes mudamos de assunto, e, às vezes, chegamos a algum acordo sobre o assunto em questão. A filosofia, neste caso, (para desgosto dos filósofos transcendentais) não tem por objetivo encontrar a via segura da ciência, mas lidar com a contingência da vida.

É desse modo que Rorty se apropria do ironismo romântico. Em seu livro "Contingência, Ironia e Solidariedade", Rorty dedica toda uma parte para descrever o ironista (lá como um indivíduo liberal) romântico. A ironia em Rorty aparece em seu aspecto mais positivo, é o modo de autoconstrução privada, por isso ele usa o termo "ironia privada" e por isso ele também acentua o papel da literatura nessa autoconstrução privada. Diz Rorty:

Definirei o "ironista" como alguém que satisfaz três condições: (1) tem dúvidas radicais e contínuas sobre o vocabulário final que usa atualmente por ter sido marcado por outros vocabulários, vocabulários tomados como finais por pessoas ou livros com os quais ele se deparou; (2) percebe que a argumentação enunciada em



seu vocabulário atual não consegue corroborar nem desfazer essas dúvidas; (3) na medida em que filosofa sobre sua situação, essa pessoa não acha que seu vocabulário esteja mais próximo da realidade do que outros, que esteja em contato com uma força que não seja ele mesmo. (RORTY, 2007, p.134)

Um dos aspectos que Rorty enfatiza é a dimensão individualista do ironismo. Este não é o mesmo aspecto destacado, nem por

Novalis nem por Schlegel. O importante aqui é o papel que a arte, mais especificamente a literatura, desempenha na formação desse "indivíduo", assim, a abordagem de Rorty não coincide inteiramente com aquela dos românticos da primeira geração. Ele faz uma interessante oposição entre ironia e senso comum, no sentido de que a tarefa do ironista é solapar os vocabulários finais em uso por uma sociedade. Ou seja, a função do ironismo é romper com padrões morais, de verdade e de racionalidade em uso em certas comunidades linguísticas. Diz Rorty:

Os grandes comentaristas do Hegel mais velho são autores como Heine e Kierkegaard, pessoas que o tratavam da maneira como hoje tratamos Blake, Freud. D.H. Lawrence ou Orwell. [...] Nós, os ironistas, tratamos essas pessoas não como canais anônimos para a verdade, mas como abreviaturas de um certo vocabulário final e dos tipos de crenças e desejos típicos de seus usuários. (RORTY, 2007, p. 143)

57

O ironista, para Rorty, pode ser também o indivíduo liberal, mas na descrição bem peculiar de Judith Shklar. O indivíduo liberal seria alguém que considera "a crueldade como a pior coisa que eles poderiam fazer". Ou seja, apesar do ironista estar ocupado, em primeiro lugar, com a sua auto construção privada, pode existir aqueles que se ocupam de assuntos públicos. Neste sentido, Rorty chama nossa atenção para dois autores ironistas e duas obras respectivas.

O primeiro é Orwell com o seu 1984, que tem como resultado, para Rorty, desvelar aquilo que pode ser chamado de "grande crueldade", ou seja, aquela crueldade que é exercida pelo estado (ou outra força institucional) contra os indivíduos. O outro autor é Nabokov com o seu famoso Lolita, que, novamente de acordo com Rorty, evidencia a "pequena crueldade", ou seja, aquela crueldade de um indivíduo com outro.

O avanço que Rorty acrescenta à concepção romântica ironista se torna patente quando pensamos como o vínculo entre ironismo e liberalismo pode ser rejeitado por grande parte dos intelectuais de hoje (ainda mais com o atual horizonte

político brasileiro), isso devido a possibilidade de se considerar esta posição elitista, no sentido de esnobe. Mas o fato é que o ironista como uma figura intelectual que exige ser reconhecida como uma alternativa e que as únicas sociedades que lhe dão a liberdade de articular sua alienação estética são as sociedades liberais.



A habilidade redescritiva da cultura que é característica do ironista só pode ganhar expressão pela literatura. Um dos motivos para isto é que: "A teoria ironista deve ser narrativa na forma, porque o nominalismo e o historicismo do ironista não lhe permitem pensar que seu trabalho estabelece uma relação com a essência real" (RORTY, 2007, p. 177). A narrativa, o romance, possui a indeterminação prévia de estar no aberto para a possibilidade de ser reformulado, ou seja, pra usar um termo rortiano, de ser redescrito. Assim, a narrativa consegue abarcar a noção mais cara ao ironismo que consiste em dar conta da contingência. Rorty leva adiante a concepção de Schlegel e Novalis de que a tarefa filosófica do "eu" e o "mundo" é infinita. Além disso, que a imaginação joga um papel central na nossa compreensão tanto do "eu" quanto do "mundo", por isso a importância da arte.

58

A relação que buscamos propor aqui é aquela que reinterpreta os autores dos românticos como filósofos edificantes a partir dessa distinção rortiana. Neste sentido, podemos afirmar que entender os românticos, não apenas como literatura (ou seja, apenas considerando a sua carga estética, sem levar em conta a suas pretensões de verdade), mas como um fazer filosófico que se encarna na própria literatura é um acréscimo importante para a nossa autocompreensão cultural. Isto porque se torna, deste modo, claro a nossa dimensão criadora e abre espaço para uma educação mais ampla: a Bildung/Paideia.

Mas Rorty também não passa incólume ao incorporar o ironismo romântico para dar lugar filosófico a literatura. Termina por ser afetado pela exigência pública do próprio romantismo. Como evidenciamos na primeira parte, o romantismo alemão, pelo menos na sua primeira versão, não

restringe suas pretensões apenas ao âmbito da autoconstrução privada, mas pretende influir em toda a



sociedade, em toda a tradição. Ou seja, o ironismo romântico também deve ser lido com suas pretensões políticas.

Desta forma, a relação que Rorty faz entre o ironismo e o indivíduo liberal não é necessária, mas uma contingência, ou seja, é uma possibilidade que se abre no tempo. O que nos é

interessante aqui é essa outra dimensão da relação da produção humana, a literatura e a filosofia, como complementares. O entendimento da literatura para além da sua dimensão meramente estética (concepção que tem se tornado cada vez mais comum em nossos dias) parece ser algo de valor.

Consideramos, assim, que o objetivo desse texto (mostrar a relação entre o primeiro romantismo alemão e a concepção da literatura como filosofia) foi alcançado. Como falamos anteriormente, Rorty divide os filósofos em sistemáticos e edificantes. Os manuais e tratados são materiais dos filósofos sistemáticos. Já os edificantes usam a poesia e a literatura, por este motivo, podemos considerar a atividade ironista dos autores que constituíram o primeiro romantismo alemão como filosofia edificante. A literatura pode ser filosofia, uma filosofia que tem como objetivo nos ajudar na nossa tarefa de autoconstrução privada e na redescrição pública. Em ambos os sentidos a literatura é filosofia edificante.

59

REFERÊNCIAS

CARVALHO FILHO, Aldir de Araújo. **Individualismo Solidário**: Uma redescrição da filosofia política de Richard Rorty. 2006. Tese (Doutorado em Filosofia) – Instituto de filosofia e ciências sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

FRANK, Manfred. **The Philosophical Foundation of Early German Romanticism**. State University of New York Press, Albany, 2004.

MILLÁN-ZEIBERT, Elisabeth. **Friedrich Schlegel and the Emergence of Romantic Philosophy**. State University of New York, Albany, 2007.

NOVALIS. **Fragmente und Studien; Die Christenheit oder Europa**. Philipp Reclam, Stuttgart, 1984.

_____. **Enrique de Ofterdingen**. Traducción y notas de Eustáquio Banjur. Editora nacional, Madrid, 1982.

RORTY, Richard. **Contingência, Ironia e Solidariedade**. Tradução de Vera Ribeiro. Martins, São paulo, 2007.

O PRIMEIRO ROMANTISMO...
Afluente, UFMA/CCEL, v.5, n.16,
p. 42-60, jul./dez. 2020
ISSN 2525-3441

Recebido em 03 de maio de 2020.
Aprovado em 23 setembro de 2020.



THE EARLY GERMAN ROMANTICISM AND THE LITERATURE AS UPLIFTING PHILOSOPHY

Abstract: This paper aims to approach a twofold relation: First, the relationship always possible among literature and philosophy; secondly, the relationship among authors from the early german romanticism and the Richard Rorty's idea of a uplifting philosophy. In our understanding what is of interests is the discussion about the style that would comport philosophical projects. Our approach aims to show how authors get to provide strong criticisms against the modern notion of rationality using literature.

Keywords: Romanticism; Philosophy; Literature; Rorty.

i Obviamente que um dos resultados da “destruição da razão”, para usar a expressão de Lukacs, realizada pelos românticos será a ligação que se estabelecerá entre o movimento e algumas tendências totalitárias. “O primeiro Romantismo ou Frühromantik é um movimento marcado por suas inovações poéticas, desdenhado por suas inclinações nacionalistas e caracterizado como celebração da imaginação em sua liberdade mais criativa. Além disso, o movimento é também visto como tendo semeado as sementes do fascismo, nazismo e muitos outros males”. (MILLÁN-ZEIBERT in FRANK, 2004, p. 1).

ii C.f. Millán-Zeibert in Frank, 2008.

iii Não é à toa que o filósofo alemão Hans-Georg Gadamer, no início de sua obra magna, começa com “a liberação da questão da verdade a partir da experiência da arte”. E para fazer isso, ele recorre amplamente a algumas ferramentas conceituais legadas pelo romantismo.

iv C.f. MILLÁN-ZEIBERT, 2007.

v C.f. MILLÁN-ZEIBERT, 2007, p. 52

vi Sinalizar por sons e marcas é uma admirável abstração. Quatro letras significam Deus para mim – poucos sinais significam milhões de coisas. Quão fácil é, então, fazer uso do universo! Quão visível é a concetricidade do mundo espiritual! A teoria da linguagem é a dinâmica do campo espiritual! Uma palavra de comando move exércitos – a palavra liberdade – nações.

vii O mundo estado é o corpo que é animado pelo mundo da beleza, o mundo da sociabilidade. É o instrumento necessário deste mundo.

viii Anos de aprendizagem formam o poeta neófito – anos de academia formam o jovem filósofo. A academia deve ser uma instituição completamente filosófica – apenas uma faculdade – o estabelecimento todo organizado – para suscitar e exercitar o vigor do pensamento de um modo propositivo. O melhor tipo de aprendizado é aprendizado na arte de viver. Por meio de experimentos cuidadosamente planejados alguém se torna familiar com os seus princípios e adquire a habilidade de agir de acordo com eles tanto quanto se deseje.